

**Discurso pronunciado pelo dr.
Mario Porto, na cerimonia
da collação de gráo dos
bachareis de 1924, de cuja
turma foi orador.**

São os bacharelados de 1924, quem vos fala.

Quando a turma deste anno cogitou da escolha dos que serviriam de homenageado e paronympho, dois nomes occorreram, quasi por intuição: João Luiz Alves e Lorêto Filho.

Um, o primeiro — fizera-se um luminar no mundo juridico.

Nome acatado em todo paiz pelos seus commentarios de civilista; pela sua actuação de parlamentar ousado se impunha á nossa admiração, e tornava-se, assim, credor de nossas homenagens.

Mas, não era só ao parlamentar que nós admiravamos, não era, sómente ao civilista que deveríamos homenagear — João Luiz Alves é tambem um batalhador pela nossa instrucção.

Não ha quem, sentindo-se brasileiro, deixe

de admirar, aos que luctam pelo alevantamento intellectual de nosso povo.

O nome de João Luiz Alves, surgindo da apreciação desses factos foi para os collegas da turma que aqui represento, a affirmação mais eloquente do quanto acatamos a sua illustre personalidade.

O outro — Lorêto Filho — fizera-se captador das nossas sympathias.

Tendo entrado para esta escola, muito moço, foi sempre, até hoje, estimado pela classe estudantina e deu motivo a isso o seu trato fidalgo, menos de um mestre escola á maneira antiga, a olhar severamente para o estudante, mas, muito ao contrario, do professor que procura fazer em cada discipulo um amigo.

De mais a mais sobravam-lhe meritos de intelligencia e espirito para o desempenho de uma missão de tal natureza.

Os seus estudos sobre direito internacional — estudos que motivaram a sua entrada honrosa nesta Faculdade — são a prova mais evidente do seu solido saber juridico.

Eis porque esses dois nomes eram os necessariamente indicados.

Ambos mestres de direito, ambos estimados pela turma que hoje deixa esta escola, e aos quaes votava profunda admiração.

Cumprimos, portanto, o dever a que nos obrigamos por todos os motivos que acabei de expor.

E assim procedendo prestamos a esses dois nomes uma homenagem tão sincera quanto ella parte dos nossos mais nobres sentimentos,

.....

Meus senhores.

Conta-nos Ronald de Carvalho, uma interessante lenda dos selvagens de nossa terra.

No principio era sempre dia. Não havia noite. Esta dormia no seio das aguas. As coisas falavam e a terra era virgem do piso dos animaes.

A filha da Cobra Grande casára. E como ella não quizesse ir para o regaço amoroso do esposo, este interrogou-a:

— Porque desprezas o meu carinho? porque foges da minha rêde?

Ella respondeu:

— Si queres possuir os encantos do meu corpo, sentir o perfume da minha carne, manda vir a Noite.

— A Noite?... E onde está a Noite?

— Lá, ao longe, no grande rio guardada por meu pae. O moço ouvindo isso chamou os servos e ordenou-lhes que fossem busca-la.

Elles partiram num igarité.

Chegando á casa de Cobra Grande ella lhes entregou um côco de tucuman e avisou que o não quebrassem, porque dentro d'elle estava a Noite.

E esta, no momento em que saisse do côco, envolvia as coisas com treva e tudo desapareceria.

Elles voltaram.

“Dentro do veloz igaripé que os levava sobre o rio, onde vinha debruçar-se a ramaria

cheirosa dos folhudos nambúys, e onde brincava o reflexo luminoso do firmamento, ouviram os tres servos estranho rumor.

O côco de tucuman estava cheio de vozes mysteriosas: era o ruido intermittente dos grilhos, que trillam naservas do chão e dos sapos, que, escondidos no tijuco dos igapós, coaxam, á sombra das canaranas roliças.

Um delles, mais curioso, propoz que se examinasse a causa daquelle murmurio, ao que se oppuzeram, temerosos, os companheiros.

E outra vez mergulharam na corrente os compassados remos num rythmo igual e monotono, por entre as veias claras da espuma."

Mas o especioso côco de tucuman não lhes saia da imaginação.

Que barulho seria aquelle?

Quando já haviam remado longamente, não se contiveram mais, e reunindo-se no meio da canôa accenderam fôgo, derreteram o breu que o sellava, e abriram o côco de tucuman."

No mesmo instante a treva caiu sobre todas as coisas.

E, então, diz-nos Ronald de Carvalho, "nos mattos desertos, os lagartos e as corças começaram a correr e a pular, as folhas das arvores se transformaram em passaros, as onças urraram na espessura dos bosques: e, das coisas que estavam espalhadas pelo rio, revoaram patos e marrecos, e saltaram peixes ageis e nervosos."

Meus senhores.

Tenho neste momento uma impressão semelhante a dos servos da lenda quando viram anoitecer nos ares,

Tambem carregámos durante cinco annos, um côco de tucuman, tambem ouvimos as mil vozes, e os mil ruidos desse côco e, quando, curiosos, verificamos o que elle continha, caiu, sobre nós, uma noite de incertezas.

Anceiavamos chegar ao fim do curso, eramos curiosos em saber o que encerrava de novidades para nós, um momento como este, e, agora que se realiza o nosso sonho de estudante, vemos que tudo é incerto.

Passámos cinco annos nesta Faculdade e a nossa phase estudantina correu pallidamente, sem grandes emoções. Agora, porém, que vamos deixar esta casa começamos a sentir o rythmo de uma nova vida.

E ao interrogarmos o futuro num desejo de conhecer o que elle nos prepara, colhemos, tão sómente, novas duvidas que perturbam, o nosso espirito, ainda mais.

Coisa singular, — como por coincidencia, a esse estado subjectivo de perturbação vêm casar-se as incertezas e as duvidas que pairam presentemente, sobre o mundo.

Nunca, durante a nossa estadia nesta escola, lançamos as nossas vistas para fóra; nunca o nosso olhar curioso, interessou-se por essa agitação que vem transformando as instituições, modificando a face da sociedade. Nunca. E' verdade que houve uma tentativa desgraçadamente falha. O nosso "*Centro de estudos sociaes e philosophia*" morreu á mingoa porque a terra era esteril.

Mas si commettemos um grande erro, porque, como moços alumnos de uma escola superior, uma escola de Direito, era-nos veda-

do o desconhecimento de um phenomeno que vem derrubando velhos principios e velhos dogmas, é tempo ainda de repararmos a falta.

Recordae-vos da guerra — o grande crime que o mundo civilisado praticou “em nome do Direito,” “da segurança da Patria,” “da tranquillidade da familia.” Lembrai-vos, bem sei, de tudo isso.

Desejo, porém que a vossa attenção paire, por momentos sobre o mundo actual.

Olhae a humanidade de hoje, não superficialmente, mas procurando enxergar atravez de todas as incertezas do presente, um grande aneio de tornar a vida do homem mais bella e mais humana.

Debatem-se por toda parte duas civilisações: uma a que começou com a Revolução Franceza, em 89, impregnada ainda, do espirito acanhado da idade média, em que theologos e monarchas, aferrados aos dogmas impediam os vôos do pensamento humano, e a outra, meus senhores, a que nasceu com o termino da guerra, nasceu, e caminha cheia de força porque synthetisa as mais justas aspirações do homem.

O choque dessas civilisações é tambem uma nova guerra, não guerra barbara de ambição commercial, mas uma lucta entre ideias novas e ideias velhas.

Esse phenomeno não é unico na historia. Si folhearmos as suas paginas, veremos que de tempo a tempo a humanidade desperta de um somno muita vez secular, revolve as suas crenças e as instituições, dá como que um balanço em seu patrimonio e depois, despresan-

do o que é sedição e caduco, renovando-se, caminha para o futuro mais feliz e mais livre.

São as epochas das transformações sociais.

E, quando o equilibrio volta á sociedade, começa, novamente, uma elaboração lenta na consciencia das multidões, um trabalho de critica que, annos mais tarde, renova o organismo social. E foi observando a repetição rythmica desse, e dos demais phenomenos historicos que se procurou descobrir a sua razão de ser.

Perguntou-se.

— A marcha dos acontecimentos humanos é determinada? Está subordinada a principios?

O homem tem sempre empregado grande parte da propria energia para conhecer o seu passado.

Foi desse esforço e dessa curiosidade que nasceu a Historia. Esta, em principio, era uma simples narrativa litteraria de factos, servindo para instruir os grandes homens.

O encadeiamento dos factos era attribuido a um Deus que governava todas as coisas.

Diz Bossuet no "Discours sur l'histoire universelle": "Esse longo encadeiamento das causas particulares que fazem e desfazem os imperios, depende das ordens secretas da Divina Providencia.

Foi Deus que levou as armas romanas para destruir o templo de Jerusalem; foi Deus que pôz Joanna d'Arc á frente do exercito

francez; foi Deus que guiou as náos portuguezas para descobrirem o Brasil. Era Deus que friamente tudo destruia e que friamente tudo construia.

Depois a sciencia fez grandes progressos e arrancou o homem desse estado de pura phantasia mostrando-lhe a realidade da vida.

Não era nos céos que se devia procurar a determinação dos acontecimentos historicos.

O homem, se queria agir como um espirito positivo em face de um phenomemo — devia desprezar toda e qualquer interpretação sobrenatural — e procurar na propria terra as causas das mutações porque tem passado a Historia.

Para certos autores a successão dos factos humanos dependiam das condições geographicas, para outros eram dependentes das raças, para terceiros, dos phenomenos economicos.

As duas leis universaes — a lei da evolução e a da conservação da energia — foram apresentadas como presidindo essas transformações. Theorias foram construidas para explicação da successão desses factos, e vale a verdade, a questão ainda continúa agitada no terreno da sociologia.

Os autores discordam. As leis não são as mesmas acceitas por todos os sociologos.

Vilfredo Parêto attribue a incerteza e o erro de muitos resultados a duas grandes difficuldades, que apresenta a historia.

A primeira, a falta de uniformidade crescente ou decrescente desses phenomenos. Estes, diz Parêto “apresentam em geral uma mar-

cha ondulada. Ha periodos onde a intensidade cresce, outros onde ella decresce.

E' bem difficil de saber se o periodo de ascensão observado até o presente vae, cedo ou tarde, ser seguido de um periodo de descensão.

A segunda difficuldade consiste em que os phenomenos que se quer interpolar não são nem mensuraveis nem mesmo bem definidos."

Meus senhores.

As duas theorias que, nos ultimos tempos, mais agitação fizeram na interpretação dos factos historicos foram o darwinismo social e o materialismo historico.

O darwinismo social que foi uma applicação mal feita do pensamento de Darwin, tem como ponto de partida a concepção de que sendo os meios alimenticios da terra insufficientes para o sustento de todos os seres organizados, dá-se a lucta que, já se vê, é de consequencias funestas para os inadaptados.

E' pelo principio da lucta e pela selecção natural que se explica, como diz um professor desta escola, a formação e o evoluir das sociedades humanas, o apparecimento e a estabilidade, e demolição das instituições, a origem da familia, das tribus, dos Estados e a hegemonia internacional das raças.

O *processus* historico é um resultado de lucta, que para uns como para Lestes Ward, Gumpłowicz é lucta de raças, para outros lucta de grupos sociaes.

Si bem analysarmos o darwinismo social a ser real o que elle estabelece, veriamos des-

apparecer do homem o estímulo e a historia estacionaria. Bem parecem paradoxaes minhas palavras, mas não o são, em verdade.

Sirvo-me de Loria para defeza da minha affirmação: "E' absurdo criticar a sociedade, reprovar a desigualdade na distribuição das riquezas, pois este é o resultado das desigualdades naturaes e da mesma forma que a inferioridade economica é o indice e o producto de uma inferioridade physica ou mental:" "Assim, o quietismo mais absoluto, a beata tranquillidade do philosopho e o *dolce far niente* do legislador, são as consequencias logicas da theoria darwinista, segundo os theoricos modernos."

Como procurámos mostrar o resultado do darwinismo seria uma paralysação na marcha ascendente da historia.

Depois o que se dá é uma interpretação mal feita de Darwin.

Aliás, o proprio Darwin protestou contra as interpretações por demais estreitas e exclusivas que certos sociologos deram á sua theoria.

Demais a mais Kropotkine nos mostra que das duas necessidades vitaes — a nutrição e a perpetuação da especie, que nos levam a polos completamente oppostos — a nutrição ao combate na disputa de meios nutritivos e a perpetuação da especie á solidariedade dos individuos esta solidariedade prepondera.

Depois, ha duas grandes differenças entre a lucta humana e a lucta animal: a primeira é, como diz Loria "uma lucta de homem contra homem, um combate entre dois seres da mesma especie," emquanto que "a lucta animal tem

logar exclusivamente entre dois seres de especies diversas.”

A segunda differença é que na lucta animal “os animaes luctam com os seus proprios orgãos emquanto que na lucta social nós vemos uma classe de individuos conseguir a riqueza por meio de outra classe de individuos.

Estas duas differenças levaram Loria á convicção de que se não tratava do phenomeno darwinico da lucta pela vida, mas “do phenomeno animal do parasitismo. “Eis em linhas geraes o darwinismo social com seus grandes erros. Oppondo-se a esse darwinismo social, surgiu o materialismo historico.

Formulado por Marx e Engels, o materialismo historico produziu no mundo grande revolução.

Influenciado pelo pensamento de Saint Simon e pela philosophia hegeliana, Marx chegou ás conclusões da theoria economica da Historia.

Engels, contemporaneamente chegava ao mesmo fim.

Engels e Marx são, pois, os formuladores da theoria.

Ha no materialismo historico duas interpretações, como muito bem observa Parêto.

Uma que procura tudo explicar pelas condições economicas de um povo; sua historia é inteiramente determinada por essas condições.”

Aliás, Sorél, prefaciando o livro de Labriola, “Essais sur la conception materialiste de l’histoire” chegou mesmo a dizer referindo-se a maneira porque o vulgo comprehende tal

assumpto que "Marx não era responsavel por essa caricatura do seu materialismo historico.

O materialismo historico tal como deve ser comprehendido, estabelece que o *processus* da Historia é um resultado do phenomeno economico actuando sobre os outros phenomenos sociaes que, por sua vez, reagem contra o phenomeno economico.

"Mas, segundo Kautsky as condições economicas repousam em ultima analyse, sobre a maneira e a medida segundo as quaes o homem domina a natureza depois de ter penetrado as suas leis."

Dessas reacções produzidas pelo phenomeno economico surge a lucta de classe na sociedade e, do assentar-se o mesmo phenomeno sobre o dominio do homem sobre a natureza é que surge a dialectica marxista.

Marx inspirou-se em Hegel quando concebeu a sua dialectica.

Em logar de ser a idéia a determinante dos factos, estes é que a determinam. Nascida de Hegel era anti-hegeliana.

Por que phenomeno economico seja em ultima analyse um dominio do homem sobre a natureza vamos encontrar nesse facto a integração da evolução natural. O homem não é mais nem menos que uma parte da propria natureza: "em todos os dominios a actividade do homem obedece a leis naturaes, pelo que o idealismo philosophico e o dualismo não têm mais nenhuma base solida. (Kautsky)

Firmado na lucta de classe Marx divide a marcha da historia em quatro periodos : 1.º

nos aggregados primitivos entre pastores e guerreiros; 2.º entre patricios e plebeus, — na antiguidade; 3.º entre senhores e vassallos na epocha mediavel; 4.º entre burguezes e proletarios nos tempos modernos.

Ha, para os marxistas, uma classe que detém todos os poderes para trazer sob seu jugo uma outra.

Desse predominio é que nascem todas as instituições. A familia, o Estado, o Direito com todos os seus institutos, a Moral com seus preconceitos, são o resultado dessa lucta.

Tudo isso nasceu e vive para assegurar á classe dominante a desapropriação dos capitaes pertencentes á classe dominada.

Na lucta de classes veem os marxistas a razão de todas as desigualdades e a origem de muita miseria humana.

E para resolver a questão social elles nos apresentam a solução no desapparecimento das classes, como a igualdade social.

Mas, para chegar a esse fim, o salto seria por demais avançado. Seria uma impossibilidade historica.

E como resolver? pela dictadura da classe desfavorecida.

Eis, meus senhores, em synthese o que é o materialismo historico.

Resta-nos uma questão ainda.

Será esta doutrina uma philosophia?

E' Croce quem nos diz: "A possibilidade de uma philosophia da historia suppõe a possibilidade de reduzir a algum conceito todo o curso da Historia. Ora, se é possível reduzir a

conceito cada um dos elementos da realidade, tal como a fornece a Historia, si é possível por consequencia fazer uma philosophia da moral ou do direito, da sciencia ou da arte, não é possível reduzir a um conceito unico o conjuncto desses elementos, quer dizer, o facto concreto que é o curso historico.

Separados os elementos formativos vemo-la desapparecer. Olhada em seu conjuncto ella só se reduziria a um unico e "vasio" conceito — o *desenvolvimento*.

Demais a mais tentou-se reduzi-la a um conceito unico, mas a tentativa falhou.

Foi um esforço da theologia e da metaphysica. E foi por isso que Benedetto Croce concordou em acceitar essa theoria como uma concepção realista da historia para frisar bem o seu character de opposição a todas as theologias e a todas as metaphysicas no dominio da historia.

Meus collegas:

Ouvi agora duas palavras.

O mundo inteiro como vos mostrei em principio, atravessa um periodo de muita gravidade.

E nós moços ainda, não nos podemos furtar, á analyse desses phenomenos.

Temos necessidade de formar as nossas convicções.

Tenhamos um ideal na vida, meus amigos!

Filhos de um paiz ainda em formação não nos é licito viver sem pensar.

Antes de tudo devemos reagir contra a futilidade que dia a dia caminha victoriosa!

Com a reunião de nossas energias procuraremos dar ao nosso povo os ensinamentos de uma nova moral.

Mostremos que esta para ser verdadeira deve repousar não em temores do sobrenatural, mas no respeito á natureza humana.

E' momento de começarmos a trabalhar. Tudo em nosso Brasil nos convida a isto.

Essa natureza immensa incompreendida, cheia de pujança deverá ser um symbolo para nós. Representa a nossa grandeza futura.

Não desanimar, pois. Mãos á obra.

Construamos a nossa nacionalidade e tenhamos sempre presente a phrase de Ingegneros: *todo tempo futuro será melhor.*